

# **ÉTICA AMBIENTAL – SOCIAL E ANIMAL – E EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA : INTEGRANDO CONCEITOS PARA UMA NOVA REALIDADE**

**Erick Luiz Araujo de Assumpção<sup>1</sup>**

Este trabalho teve como objetivo articular conceitos que fomentam a compreensão da necessidade de uma visão sistêmica e de uma transformação da realidade sócio-ambiental. A partir de um panorama da amplitude da crise sócio-ambiental vigente, a presente relação entre seres humanos, entre esses e o restante do meio ambiente e, mais especificamente, entre esses e os animais não-humanos, é contextualizada. A ética ambiental, integrando ética social e ética animal, e a educação libertária são apresentadas como conceitos e práticas inerentes e imprescindíveis para a busca de uma transformação ética da realidade.

## **1 - Introdução**

A partir de análises da literatura sobre éticas aplicadas e bioética, como também sobre a crise civilizatória vigente, as interligações da realidade se tornam um pouco menos obscuras, porém, paralelamente, comprovam, cada vez mais, a complexidade do real. Sendo assim, levando em consideração a amplitude dos problemas civilizatórios e a interligação dos sistemas da Terra, assim como dos sistemas sociais, o presente trabalho buscou aproximar conceitos, que em si já estão integrados, porém aqui se buscou trabalhá-los explicitamente unidos, em uma tentativa arriscada e até pretensiosa de reflexão e de proposta de ação.

Foi trabalhada aqui a ética ambiental, tendo em vista as propostas de Edgar Morin e de Fritjof Capra de construção de um novo paradigma e seu imperativo de entendimento sistêmico dos problemas, englobando em seu núcleo a ética social e a ética animal, essa última tendo maior destaque nesse trabalho, visto as especificidades, principalmente a senciência e suscetibilidade dos animais não-humanos. A ética ambiental determina uma auto-afirmação integradora, afirmando o ser humano como ser ético e centralizando as suas decisões a partir da reflexão das conseqüências da práxis no ambiente como um todo, sendo assim englobando à esfera moral animais não-humanos, seres vivos e ecossistemas. Interligada e interdependente a ética ambiental foi trabalhada a educação libertária, estudada a partir de Mikhail Bakunin e Célestin Freinet. Em seu âmago a educação libertária busca a horizontalidade entre os sujeitos, a descentralização do “eu” para a comunidade e a centralização das especificidades individuais no processo de construção de conhecimento, logo esse processo de descentralização centralizadora da educação libertária apresenta-se como base da construção da ética ambiental, podendo-se ter o caminho inverso, da ética ambiental como base para uma educação libertária.

Sendo assim, a integração desses conceitos e suas conseqüências práticas são apresentados nesse trabalho como inerentes à uma tentativa de transformação da relação sócio-ambiental, tão necessária e urgente, levando-se em consideração as condições ambientais atuais, a exploração desenfreada de animais não-humanos e de ecossistemas, assim como a exploração e a vulneração de seres humanos. Logo o

---

<sup>1</sup> Pedagogo e pós-graduando em Éticas Aplicadas e Bioética pelo IFF- FIOCRUZ - RJ

objetivo desse trabalho é auxiliar de alguma maneira nessa construção. Se uma pessoa lê-lo e, a partir daí, se questionar sobre como se relaciona com outros seres humanos e/ou os animais não-humanos e/ou o mundo de uma forma sistêmica, o objetivo desse trabalho será alcançado.

## 2. A Crise

O período moderno é caracterizado pela legitimação do domínio do ser humano sobre a natureza e do padrão civilizatório vigente até hoje. Nesse período diversos pensadores desenvolveram teorias que rompiam com o pensamento vigente do período anterior, a Idade Média, o qual, predominantemente, compreendia os fenômenos naturais como obras divinas e os seres humanos buscavam assim situarem-se e comportarem-se de acordo com esses fenômenos. Com o avanço e a valorização da racionalidade científica, os questionamentos em relação aos fenômenos eram metódicos, buscando entendê-los mecanicamente para não apenas se situar, mas para dominar a natureza. O desenvolvimento através da razão era ininterrupto e irreversível e a ação do homem perante a natureza tinha infinitas possibilidades. O ser humano moderno acreditava ter se “emancipado” do dogmatismo. Porém, estava se curvando a uma nova divindade, a ciência, que tinha um fim em si mesma. O ser humano subjugava a natureza através do poder que lhe era concebido pela tecnociência. Nesse contexto de hiper-valorização do artificial, da racionalidade e do antropocentrismo é fomentado o “desenvolvimento” tecnológico, industrial, econômico e das cidades. Ampliando a oposição sociedade/natureza. Os animais não-humanos, assim como o restante da natureza, são considerados como máquinas, apenas matéria. Não sentem, não raciocinam, são autômatos com a finalidade de servir ao ser humano, além de cada vez mais perderem seus habitats naturais devido à expansão das cidades e do agromercado. Apesar, de ainda no período moderno, suspeitas a essa oposição terem sido construídas, como nos mostra Keith Thomas em *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*, podemos perceber que o período cronológico contemporâneo chamado de pós-modernidade se apresenta como o aprofundamento do pensamento moderno e ampliação da exploração ambiental e dos animais não-humanos, devida a intensificação do processo industrial..

Consecutivamente a ampliação da percepção das conseqüências sociais e ambientais geradas pelo avanço tecnocientífico e o aprofundamento do pensamento moderno promoveu o surgimento de diversos movimentos sociais por direitos, contudo esses foram e ainda são insuficientes, tendo em vista que o caráter da crise atual não é compartimentado em um campo da sociedade como o espaço jurídico, pois apesar de todos os avanços nesse campo com relação ao sexismo e ao racismo, esses aspectos sociais ainda perduram nas subjetividades e realidade da sociedade ocidental. Conseqüentemente consolida-se uma demanda, não por direitos, mas sim ética. O discurso acima dos campos da moral e direito. Logo, espaços de pensamento como a ecologia e a bioética apresentam-se como uma busca pela compreensão, reflexão e estudo de ações nos sistemas complexos que nos mostram a não separação em compartimentos da crise sócio-ambiental, sim a abrangência dessa, tendo em sua base o padrão civilizatório assumido pela humanidade ocidental. Sendo assim, podemos confirmar aqui a utilização do termo legitimação e não surgimento do domínio do ser humano sobre a natureza ou do padrão civilizatório vigente no período moderno, tendo em vista que podemos observar que a partir do surgimento do simbolismo, da agricultura, dos ritos e da especialização (surgimento do xamã, a quem podemos chamar de primeiro especialista), da dicotomia e diferenciação entre os gêneros e da

domesticação e extensa exploração de animais não-humanos, consolida-se a civilização como a conhecemos. Sendo assim, concordando com a afirmação de Lago & Pádua, estamos diante de uma crise civilizatória.

### 3. A Educação como Confronto

O objetivo clássico da educação é civilizatório. Formar o ser humano para o bom desenvolvimento dentro da civilização, logo se consolida aqui o papel da escola como reprodutora da estrutura social vigente. A partir das reflexões anteriores e da aceitação da veracidade da crise civilizatória atual, uma transformação dessa educação é necessária, quiçá imprescindível. Porém é ingenuidade acreditar que mudanças exclusivamente na educação escolar acarretariam amplas transformações na sociedade. Assim como o é também crer, como já citado, que mudanças apenas nos padrões econômicos ou jurídicos o fariam. Tendo em mente a complexidade de nossa realidade e a abrangente alienação, econômica, psicológica, sexual e cultural, fomentada na população, transformando-a em “corpos dóceis”, pelo paradigma vigente, sua forma de ver e agir no mundo e principalmente através do sistema capitalista, a atuação para transformações sócio-ambientais deve abraçar diversos aspectos.

A educação escolar não é redentora da sociedade, mas deve ser um campo de permanente questionamento, ter um papel de resistência ao pensamento vigente e fomentar uma relação sócio-ambiental ética. É um ambiente primordial na construção dessa relação. Os problemas sócio-ambientais não nascem no interior das escolas e, portanto, não podem ser solucionados apenas por elas e mesmo com a consolidação de uma educação libertária, como afirma Bakunin, a sociedade capitalista é dirigida por princípios contrários aos objetivados por essa educação e sem transformações nos outros campos a sociedade tende a dominar os seres humanos. Deste modo, a educação não deve ser um fim em si mesma, mas sim ter em vista um projeto de transformação social. Assim como Freinet afirmou que em seus esforços educacionais tinham o único objetivo de construir uma sociedade em que a exploração fosse abolida. Portanto, a educação escolar deve impedir a reprodução de hierarquias sociais e, mesmo, conceituais, sendo dessa forma uma educação sócio e ambientalmente integral.

Tendo isso em mente, retiramos da educação a responsabilização de todas as mazelas e possibilidades de salvação da sociedade, colocando-a como mais uma linha nessa rede complexa. Contudo, devemos salientar a capacidade da escola de reproduzir ou confrontar os princípios hegemônicos da sociedade. Uma educação que podemos chamar de libertária privilegia a autonomia, a cooperação e a horizontalidade configurando-se como um confronto direto à estrutura civilizatória vigente ou a qualquer outra estrutura também autoritária. Aqui o conceito de confronto é utilizado embasado no que Paulo Freire coloca como “justa raiva”, luta legítima contra as formas de exploração.

Na estrutura vigorante em nossa realidade sabe-se que a alienação e a criação de subjetividades para o autocontrole e normatização dos princípios vigentes são ferramentas de manutenção dessa visão de mundo moderna. A influência do pensamento moderno na educação escolar sustenta a alienação, uma vez que *“nossa civilização e, por conseguinte, nosso ensino privilegiam a separação em detrimento da ligação, e a análise em detrimento da síntese”*<sup>2</sup>. Aristóteles em suas reflexões sobre a ética já nos afirma que o ser humano amplamente instruído tem melhor capacidade

---

<sup>2</sup> Morin, 2006: 24

para decidir sobre todas as coisas. A impossibilidade de vislumbrar o contexto sócio-ambiental de forma complexa fomenta a alienação, permitindo apenas a visualização das partes descontextualizadas do todo ou do todo independente de suas partes. A separação entre corpo e mente, a valorização do pensamento científico, a especialização, a fragmentação da realidade e a conseqüente exploração das massas no sistema capitalista resultam em uma educação escolar segregativa, que, para Morin, provém de uma visão dicotômica da cultura humana X cultura científica e, para Bakunin, da atividade intelectual X atividade manual. As teorias integralizadoras complementam-se, como parte e todo. Morin expõe a hipervalorização do raciocínio científico como um pressuposto da sociedade ocidental que se coloca subserviente ao desenvolvimento tecnocientífico. A proposta expressa por Bakunin atinge especificamente o âmbito sócio-econômico de divisão de classes, no qual a educação intelectual centra-se na classe dominante e a manual na classe proletária. Como decorrência, na educação escolar estruturada sob esses pressupostos, perdura a separação e o domínio do ser humano em relação à natureza e, conseqüentemente, aos animais não-humanos. Continuidade que pode ser ligada ao não questionamento, pelos professores e por outros profissionais das escolas, respectivo a atitudes cotidianas que fortalecem o especismo e a dominação em relação ao mundo natural como, por exemplo, alimentação nas escolas baseada em derivados de animais não-humanos, visitas a zoológicos, predomínio do artificial ao natural no interior das escolas e até aprisionamento de animais não-humanos no interior dessas.

Os autores citados determinam que uma transformação na educação escolar é necessária para a construção de uma relação mais ética e, para tanto, deve ocorrer um movimento de transformação e de ampliação da consciência dos professores. Não há possibilidade de se conceber uma escola anti-autoritária quando a docência é autoritária. Não há possibilidade de se conceber uma escola vegana quando a docência é especista. Em suma, não há possibilidade de se conceber uma escola ética quando a docência não o é. Paulo Freire cita a coerência entre teoria e prática como mais uma das exigências primordiais para uma educação que visa à autonomia. Para a transformação sócio-ambiental parte-se de uma revolução individual dos sujeitos, assim como, estende-se essa revolução individual à docência para a transformação da educação escolar.

### **3.1- A Educação Libertária e a Ética Ambiental**

A educação libertária pode ser entendida como uma tentativa de descentralização/centralização. Rompendo com a corrida individualista da sociedade ocidental atual, visando à construção de coletividades, porém não perdendo o indivíduo e suas especificidades. Assim como uma ética ambiental demanda a reintegração do ser humano à natureza, a incorporação dos animais não-humanos, assim como ecossistemas, ao campo de considerabilidade moral humana e, dessa maneira, auto-afirmação da espécie humana, como seres morais. Podemos dizer que, assim como Aristóteles afirma que o meio-termo é o certo, esse processo construtivo para uma nova relação sócio-ambiental busca o equilíbrio entre bíos e zoé, entre vida política e vida orgânica.

Freinet, a partir de questionamentos a respeito da rigidez das normas escolares, como filas e horários, construiu uma nova relação entre os estudantes e o professor, retirando o emblema de autoridade do professor e do adulto. Assim como ser de outra etnia, gênero ou espécie. O ato de retirar o estrado de sua carteira e sentar junto às crianças se tornou simbólico, tendo em vista as amplas mudanças propiciadas por

Freinet. Contudo, esse ato exemplifica como o auto-questionamento e as transformações cotidianas individuais promovem outras transformações mais amplas. Ao analisar os relatos de sua práxis podemos relacioná-los aos conceitos expostos por Bakunin e por Morin. Portanto, o pensamento e a prática educacional de Freinet podem ser percebidos como um confronto direto ao paradigma social vigente e, não o percebendo como um método fechado e incorporando mais explicitamente os conceitos de ética ambiental, englobada a essa a ética animal, pode ser entendido como uma pedagogia libertária articuladora de uma relação sócio-ambiental ética.

Os aspectos da pedagogia chamada de tradicional perduram sólidos na realidade educacional brasileira, como podemos confirmar através do ambiente vigorante das disciplinas compartimentadas e do autoritarismo docente. Freinet, percebendo o caráter dessa educação escolar, buscou consolidar uma pedagogia antagônica que primasse pela autonomia, cooperação, contextualização, horizontalidade e reaproximação do mundo natural. Por conseguinte, uma educação libertária.

A partir do cotidiano escolar, Freinet percebeu o desinteresse dos estudantes pelos momentos de leitura em sala de aula, ao reparar que os olhos desses acompanhavam o vôo dos pássaros e abelhas. O que instigava a curiosidade e gerava dúvidas nas crianças estava do lado de fora da escola. E para o que Morin chama de “*pleno emprego da inteligência geral*”, é imprescindível a curiosidade e a dúvida, essas, exigências principais para uma educação para autonomia, assim como já afirmado por Paulo Freire. Desse modo, surgem as aulas-passeio, que aconteciam pela comunidade, observando as atividades e os ofícios que originavam entre as crianças atividades como tecer e plantar, por exemplo, gerando assim, a integração entre o intelectual e o manual preconizada por Bakunin. Aconteciam também através de ambientes naturais, propiciando um contato direto com a natureza. Essas aulas-passeio articulam o conhecimento com o meio ambiente, contextualizando-o.

*“A aptidão para contextualizar tende a produzir a emergência de um pensamento ecologizante, no sentido em que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com meio ambiente – cultural, social, econômico, político e, é claro, natural”*<sup>3</sup>

A partir dessa relação mais próxima com o mundo natural e, conseqüentemente, dos animais não-humanos, através da instigação do professor, se ela for necessária, pode-se consolidar o conhecimento dos interesses dos animais não-humanos e, dessa maneira, fomentar um pensamento anti-especista, tão necessário para uma relação mais ética. Porém, a realidade das grandes cidades fez com que os seres humanos se distanciassem dos animais não-humanos. Sendo próximos, indiretamente, apenas aos que comem, vestem e que são usados para testar seus produtos de beleza e farmacêuticos. Entretanto, esses seres não-humanos estão integrados ao meio urbano, algumas vezes nos fragmentos de fauna existentes nas cidades. Outras, em pastos inférteis cercados. E, na maioria das vezes, encarcerados em indústrias e empresas. Keith Thomas nos mostra que, no século XIX, “a ocultação dos matadouros ao olhar público tornou-se um recurso necessário para evitar um choque excessivamente forte entre a realidade material e as sensibilidades privadas.”<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Morin, 2006:24

<sup>4</sup> Thomas, 1988:355

Tendo em vista essa realidade urbana, é necessário que sejam consolidadas atividades pedagógicas que estimulem o respeito aos animais não-humanos, através de vídeos, pesquisas e passeios a esses fragmentos de fauna. E que essas atividades não estimulem apenas o mimoso, que nada impede a continuidade da exploração, como afirma Peter Singer em *Libertação Animal*. Uma pedagogia que preze pela autonomia humana e negue a autonomia de outros seres, como os animais não-humanos, reproduzindo e legitimando a exploração desses, não passa de uma pedagogia também autoritária, fadada a dar continuidade à própria exploração humana e à crise sócio-ambiental. Assim sendo, fadada ao fracasso. A ética dentro da escola não pode estar separada da sociedade, como não pode estar separada da ecologia. Os conceitos clássicos de *ethos* e *oikos* se integram nesse ponto, como guarida (um dos significados de *ethos*) que protege a casa (*oikos*). Ética como reflexão sobre a práxis, atividade humana com conseqüências sócio-ambientais, visando um processo decisório que leve em consideração todos os envolvidos, humanos e não-humanos. Devido a esse caráter integrativo/afirmativo, a complexidade da crise sócio-ambiental vigente e a interligação dos campos de teoria e ação, podemos afirmar aqui a pertinência da utilização da expressão ética ambiental, englobando em seu interior as demais especializações da ética, como a própria ética animal.

Partindo dessas reflexões percebemos o desafio da educação de possibilitar a construção da autonomia dos estudantes. Porém, essa se caracteriza como, utilizando uma expressão de Schramm, “autonomia difícil”, estabelecendo um diálogo entre indivíduo (vontades, desejos, ideologias, crenças), comunidade, sociedade e ambiente. Acreditando que a plenitude dessa só é possível em um ambiente não coercitivo e livre de hierarquizações.

O esforço livre e voluntário dos estudantes, para Freinet, é base da educação. A livre expressão, a imprensa e as cooperativas escolares são alguns dos princípios que alimentavam a autonomia dentro das classes Freinet. A criação e o reconhecimento da auto-criação e do inacabamento humano são inerentes a autonomia. “*Uma sociedade heterônoma tende a produzir indivíduos que desconhecem e alienam o poder criador em si mesmos*”<sup>5</sup>. Reconhecendo heteronomia como alienação individual e coletiva. Nas classes de Freinet as crianças escreviam, desenhavam, pintavam, cantavam e interpretavam livremente, desde a escolha do tema, o material e o ritmo de produção. E o professor como mediador, instigador e sempre analisando o desenvolvimento e as necessidades dos estudantes.

Os estudantes expunham suas idéias, suas vontades e suas dúvidas. Cooperativamente eram decididos os textos que seriam impressos e fariam parte do jornal escolar ou seriam enviados para outras escolas. As correções gramaticais eram feitas também cooperativamente. Nesse momento, o professor anotava os problemas gramaticais para, em outro, instigar os estudantes sobre eles. As próprias crianças deliberavam sobre como os textos seriam impressos e os imprimiam juntamente ao restante dos jornais, manuseando diversos materiais. A cooperativa escolar possibilitava a tomada de decisão das crianças a respeito das atividades como a redação do jornal, a horta, a correspondência com outras escolas, as aulas-passeio e, inclusive, como seriam feitas as arrecadações monetárias para alguma atividade que necessitassem. As atividades propiciavam tomadas de decisões pelas crianças e a responsabilidade pelas decisões e ações tomadas. Assim fomentando a autonomia, a participação e a coletividade, princípios fundamentais para transformação sócio-ambiental, tendo em vista, por exemplo, o papel do conceito de autonomia nos campos de saber das éticas e éticas aplicadas. A própria classe, nesses padrões, se torna uma

---

<sup>5</sup> Valle, 2000: 19

pequena sociedade horizontal, e incorporando a essa a visão sistêmica da ética ambiental, deixa-se visível a possibilidade de uma sociedade com esse mesmo caráter, a qual normalmente é rotulada de utópica.

### **Conclusões**

1. A análise da crise vigente nos leva as bases da civilização, logo se caracteriza como uma ampla crise civilizatória, não compartimentada em um âmbito social;
2. Tendo em vista a amplitude e complexidade dessa crise civilizatória vigente e os diversos problemas nos campos da vida como facetas dessa crise, a integração da ética social e da ética animal, não reduzindo seus conflitos específicos, pela ética ambiental, apresenta-se como imprescindível;
3. A autonomia, a capacidade e responsabilidade de tomadas de decisões, coletividade e coerência entre teoria e prática estão no centro do processo da educação libertária. Princípios primordiais no enfrentamento de problemas éticos.
4. A educação libertária integrada aos conceitos da ética ambiental consolida-se como ação legítima no campo social para construção de uma nova realidade global;

Bakunin, Mikhail. *A Instrução Integral*, São Paulo: Ed. Imaginário, 2003.

Capra, Fritjof. *A Teia da Vida : uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, São Paulo: Cultrix, 2006.

Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008.

Lago, Antônio; Pádua, José. *O que é Ecologia*, São Paulo; Ed. Brasiliense, 2004

Lovelock, James, *A Vingança de Gaia*, Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2006

Morin, Edgar. *A Cabeça Bem-Feita*, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2006.

Schramm, Fermin. *A Autonomia Difícil*, *Revista Bioética*, 1998 v. 6: n.1, pp. 27-37

Singer, Peter. *Libertação Animal*, Porto Alegre: Ed. Lugano, 2004.

Thomas, Keith. *O Dilema Humano In: O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*, São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1988.

Valle, Lílian. *A Concepção Filosófica da Educação*, Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

Whitaker, Rosa Maria. *Freinet: Evolução histórica e atualidade*, São Paulo: Ed. Scipione, 2002.